



Entre a tradição e a modernidade: juventude negra rural no processo de produção de farinha no povoado do Alecrim. Rupturas ou continuidades?

Milena Rocha Caetano de Jesus

Resumo

O artigo versa sobre as dinâmicas que se estabelecem com os jovens rurais negros no processo produtivo da farinha do Povoado do Alecrim, zona rural da cidade de Cachoeira no Recôncavo Baiano. O povoado constitui-se de pequenos agricultores negros que realizam atividades como a produção de farinha, estando os processos produtivos ligados a redes de solidariedade. Eles se articulam através das relações familiares e produtivas para produzir principalmente a farinha, beiju e tapioca. Historicamente no povoado havia uma tendência entre os agricultores familiares em destinar os filhos ao trabalho nas casas de farinha para que estes seguissem na profissão. Porém, a população jovem vem decrescendo e perdendo o interesse pela tradição de fazer a farinha que há muito tempo se manifesta no povoado. A pesquisa visa entender quais os fatores que levaram a nova geração de jovens rurais negros a perderem o interesse pela tradição de fazer a farinha.

Palavras-chave: tradição; juventude; modernidade; trabalho; meio rural.

Introdução

Procurou refletir neste artigo sobre as dinâmicas que se estabelecem com os jovens rurais negros no processo produtivo da farinha do Povoado do Alecrim, zona rural da cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano. Tenho o intuito de compreender as implicações sociais, culturais e econômicas que fizeram com que alguns jovens rurais migrassem do povoado; parto da hipótese de que os

jovens rurais negros são atraídos cada vez mais por novas tecnologias de encantamento de mundo na modernidade vivenciando tensões na relação entre o migrar e o ficar mudando o dinamismo social do grupo e fragilizando as relações estabelecidas localmente. Parto do entendimento de que entre as principais características da modernidade destacam-se as rápidas, contínuas e intensas transformações sociais, culturais e econômicas. Antes de tudo, faz-se necessário situar algumas informações para entender esta linha de raciocínio.

O entendimento de que a dinâmica do capitalismo transforma as realidades sociais em que os sujeitos ficam às margens com a sua intensificação deixando o meio rural, por exemplo, cada vez mais complexo. A situação juvenil no contexto rural tem evidenciado como o capitalismo influencia as decisões dos jovens. As novas tecnologias, as informações midiáticas que insistem em inculcar na mente das pessoas, sobretudo dos jovens que se forem para a cidade (meio urbano) vão ter acesso a coisas não possíveis no meio rural, promessas de uma vida ‘melhor’. De todo modo, essa questão pode levar a desvalorização das atividades tradicionais, como a produção de farinha. Diante de algumas leituras compreendo que a ilusão da modernidade cresceu com o desenvolvimento do capitalismo. Logo, a categoria juventude nasce nesse processo de transformações, ampliações das desigualdades sociais e regionais entre outros. Isto se reflete, atualmente, nas dinâmicas que estão sendo estabelecidas no Povoado do Alecrim com os jovens e seu grupo familiar no processo produtivo: relações produtivas fragilizadas pelo distanciamento dos jovens no processo.

Este estudo pretende compreender as implicações sociais, culturais e econômicas que fizeram com que alguns jovens rurais migrassem do povoado; analisar o interesse dos jovens que não migraram, buscando identificar se eles tem interesse em dar continuidade a tradição familiar de produção de farinha e o que eles compreendem sobre a tradição local de fazer a farinha e os desdobramentos dessas estruturas no contexto da comunidade local, considerando as relações de identidade, as questões de território, de raça, gênero e geração. Dito isso, minha proposta neste artigo é afilar o debate acima citado dialogando com algumas abordagens do intelectual José de Souza Martins que se propôs a constituir um pensamento novo para compreender a relação entre o atraso e a modernidade que, imbricados, marcam a sociedade brasileira.

Diante do exposto, relaciono esta compreensão às ideias de José de Souza Martins sobre como as práticas rurais são fragilizadas por um sistema econômico explorador que privilegia a produção em larga escala e desconsidera a produção de farinha pelos pequenos agricultores familiares. Não seria difícil listar aqui as condições de invisibilidade que historicamente populações rurais enfrentaram e enfrentam. E para melhor análise, cabe aqui pensar o Recôncavo.

Desenvolvimento

O Povoado Rural do Alecrim está inserido no contexto mais amplo do Recôncavo. Ao considerar o Alecrim como parte integrante do Recôncavo, é fundamental examinar o contexto da colonização e do pós-colonialismo. O Alecrim está sendo estudado como um dos vários elementos que constituem o Recôncavo da Bahia, uma região de rica diversidade social, cultural e econômica. Este que foi o berço do colonialismo caracterizava-se, acima de tudo, por sua história e dinâmica sociocultural. Faço referência à importância que a raiz de mandioca e o seu mais nobre alimento- a farinha – desempenharam na produção e organização da região do Recôncavo. Mas, sem dúvida, a grande contribuição legada à região em relação à produção de farinha foram os conhecimentos acumulados ao longo do tempo que se perpetuaram tendo como palco de realização as casas de farinha. Diante disso, percebe-se a importância da mandioca/farinha na história e vida do Recôncavo.

A escravidão do território brasileiro foi um processo moroso, sendo o Brasil o último país das Américas a abolir esse sistema no final do século XIX. Com o fim da escravidão, o preconceito e a discriminação ao negro permaneceram. Infelizmente, desde o início, os colonizadores se deram o direito de hierarquizar, isto é, de estabelecer uma escala de valores entre as chamadas raças. O fizeram erigindo uma relação intrínseca entre o biológico (cor da pele, traços morfológicos) e as qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais. Assim, os indivíduos de raça “branca”, foram decretados coletivamente superiores aos de raça “negra” e “amarela”, em função de suas características físicas hereditárias, tais como a cor clara de pele, o formato do crânio (dolicocefalia), a forma dos lábios, do nariz, do queixo. Segundo esta escala de valores, formatos brancos eram considerados os mais bonitos, mais inteligentes, mais honestos, mais inventivos. E conseqüentemente mais aptos para dirigir e dominar as outras raças, principalmente a negra, a forma mais escura de todas seria, conseqüentemente, a considerada a mais estúpida, mais emocional, menos honesta, menos inteligente e, portanto a mais sujeita a escravidão e a todas as formas de dominação (MUNANGA,2004, p. 5).

Povoados como este são vistos de forma negativa pela sociedade dominante branca por ser constituído na maioria das vezes por pessoas negras que trazem consigo toda uma história de vida, de detalhes, tradição, vivências e experiências carregados de significados, teias de relações e saberes. De acordo com a lógica capitalista e racista, povoados como Alecrim, são postos numa situação de inferioridade, assim como sua cultura e modo de viver. Seus integrantes, principalmente os mais jovens, sofrem duplo preconceito:por pertencerem ao mundo rural e por serem negros. Essa visão negativa é fruto de uma ideologia colonial, uma colonização que forma conceitos impondo modelos de como se deve viver e ser, estes vão assumindo pouco a pouco lugar de inferioridade forjada pelo branco. Contrapor essas visões, desfazendo essa negatividade que foi atribuída ao

indivíduo negro e morador da zona rural é uma preocupação que tem me direcionado e, ao mesmo tempo se apresentado como uma oportunidade pra desenvolver um trabalho de campo nesta localidade. O sistema colonial separou as pessoas em raça como foi mencionado acima e, a partir disso, é possível perceber que o conceito de raça é carregado de ideologias e que esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e dominação (MUNANGA, 2004). O povoado do Alecrim que é composto por uma população negra com certeza é subtraída na sua mobilidade social assim como na dificuldade de integração nos mais variados meios da sociedade. Pouco é valorizada e incentivada a arte de fazer a farinha e o beiju por populações negras.

Estudos pós-coloniais

Torna-se importante situar que os estudos pós-coloniais são uma perspectiva crítica oriunda dos estudos culturais e literários dos anos 1970 no mundo anglo-saxão, questionando o ocidentalcentrismo na construção do Outro e seus múltiplos efeitos na realidade de países excolônias. Os(as) autores(as) dessa escola de pensamento analisam os efeitos dessas construções, enquanto diferenciações culturais que serviram e servem aos interesses coloniais ainda hoje, porém de forma ressignificada e mais sutil, a exemplo do racismo. Dussel (2016) prefere falar em Primeira e Segunda Modernidade, e traz a América Latina para o centro. Esse processo de expansão do capitalismo e da modernidade resultou na invasão das Américas e de muitas violências com os seus povos, suas culturas e seus saberes, o que tem afetado suas diferentes ancestralidades e expressões até hoje. A colonialidade representa a continuidade de formas de exploração/dominação/conflito, que mesmo após cessado o domínio político dos países centrais se perpetuaram através de sua reprodução na dimensão cultural.

O pensamento decolonial objetiva problematizar a manutenção das condições colonizadas da epistemologia, buscando a emancipação absoluta de todos os tipos de opressão e dominação. Tem o intuito de construir um campo totalmente inovador de pensamento que privilegie os elementos epistêmicos locais em detrimento dos legados impostos pela situação colonial.

A escrita desse artigo buscou dialogar com outros estudos que abordem o tema em questão, apoiando-se na proposta de Antônio Bispo dos Santos- Nego Bispo (2023) em seu livro *a Terra dá, a Terra quer* com abordagens que enfatizam a questão agrária, questões de reivindicações dos quilombos para as universidades, mostrando como que a colonização usa de diversos subterfúgios para explorar, dominar e exterminar povos e suas culturas. A este respeito Antônio Bispo utilizou um conceito chave em seus escritos de “contracolonização” que contrapõe de forma surpreendente o modo de vida quilombola ao da sociedade colonialista oferecendo um olhar provocador, crítico e

reflexivo que enfraquece as palavras dos colonizadores, e o mesmo tempo afirma que para a colonização, a contracolônização. Nas palavras do autor:

Chegaram então os portugueses com as suas humanidades, e tentaram aplicá-las às cosmologias dos nossos povos. Não funcionou. Surgiu assim o contracolônialismo. O contracolônialismo é simples: é você querer me colonizar e eu não aceitar que você me colonize, é eu me defender. O contracolônialismo é um modo de vida diferente do colonialismo (SANTOS, 2023, p. 36).

O intelectual José de Souza Martins faz relevantes leituras da sociedade brasileira, inclusive para a compreensão da realidade latino-americana. Talvez, eu possa dizer aqui que o espaço que proponho pesquisar (o meio rural) está em constância com as preocupações do autor quando ele fala das transformações das estruturas sociais extremamente freqüentes que se repetem continuamente na vida do homem simples. Tais transformações já contextualizadas anteriormente, aqui neste artigo, no contexto maior que é o Recôncavo. O povoado do Alecrim atualmente é constituído por famílias simples de cultura operária sem tradição acadêmica é um dos pedacinhos do Recôncavo que está se moldando nesse processo de expansão do capitalismo. Estou entendendo que, as dinâmicas que perpassam o comportamento dos jovens locais é reflexo dessa estrutura/contexto que determina a conduta dos mesmos. Ele sai mais do que fica. Com isso os sujeitos são desconsiderados; não se consideram as subjetividades, não se considera o outro.

Ainda seguindo o entendimento do autor e fazendo links com a minha pesquisa, ele realizou algumas pesquisas exploratórias acerca das relações atrasadas como uma necessidade do capital e do desenvolvimento capitalista, já que ele percebe que a modernização não elimina o tradicional. Seria o mesmo que dizer que o capitalismo transforma as práticas tradicionais, mas também se beneficia delas. Ou melhor, dizendo, os jovens e seus familiares também participam da modernidade. Como se fosse um exercício de se reconstruir/reconfigurar diante desta estrutura capitalista vigente. José de Souza Martins faz fortes críticas a esse dualismo e nos faz entender que é de interesse do capitalismo que se mantenha o tradicional. O debate da relação entre o tradicional e o moderno vai aparecer densamente em suas colocações. Para ele, o tradicional e o moderno coexistem em termos de trabalho. Esse dualismo vai ser necessário para pensar a sociedade brasileira. O “tradicionalismo” não necessariamente se torna um obstáculo para o desenvolvimento do capitalismo. Essas relações “atrasadas” e “não capitalistas” são recriadas e reproduzidas sob o domínio do capital e necessárias para a própria acumulação capitalista. Nesse sentido, as práticas tradicionais podem ser valorizadas e dessa forma comercializadas, o que é importante para o capitalismo, um sistema que visa apenas o lucro.

Essa discussão de que a modernização não elimina o tradicional pode ser refletida em minha pesquisa quando aponto que grupos tradicionais como este que estudo de pequenos agricultores familiares também participa da modernidade. O exemplo disso quando a família, sobretudo os jovens rurais que estão dentro dos espaços das casas de farinha e ao mesmo tempo checam as redes sociais, realizam compras virtuais, dançam músicas do Tik Tok nas cercanias das casas de farinha e postam nas redes não seria uma interação moderna dos jovens nos espaços chamados tradicionais? O jeito de se socializar, as performances nos espaços das casas de farinha não seria um ritual de trabalho tradicional sendo efetivado por outros caminhos? Pelo visto é a relação com o processo tradicional que se reconstrói o tempo todo. Eis algumas reflexões postas para pensarmos essas questões. Falar de tradição é muito complexo. Será que o povoado está em vias de atualizar a tradição? O que é essa juventude hoje no campo? O que significa modernidade para alguém que está no nordeste, no recôncavo?

Retomando a questão do tradicional e do moderno, esse dualismo, no contexto aqui discutido vai perpassar a realidade agrária. Atualmente pensar na inserção do jovem rural na agricultura familiar considerando a realidade do Recôncavo tem sido um desafio. A pesquisa buscou dialogar com outros estudos que investigam a participação juvenil nos processos de reprodução social da agricultura familiar e verificou-se que a agricultura que se manifesta no Recôncavo expulsa o jovem do campo porque não dar condição de permanência para que eles fiquem. Ou seja, não é desejo individual do jovem sair do campo. É precária a situação material.

Outras variáveis consideradas são as oportunidades de trabalho. No meio rural de um modo geral, gera desemprego porque não precisa de mão de obra. Pensando na Revolução Verde que transforma a forma que se produz, como se produz e para quem se produz torna a agricultura em um negócio em que há uma intensificação entre o agronegócio e a agricultura familiar. A introdução do maquinário vai substituir o trabalho braçal; tudo altamente tecnológico, logo, os agricultores familiares não conseguem acompanhar. No Recôncavo, século XIX houve o declínio da produção açucareira, declínio das fazendas e a população da época deixada à própria sorte. A desigualdade no processo de ocupação das terras no Recôncavo tem suas raízes históricas conectadas ao modelo de agricultura agroexportadora com utilização de trabalho escravo, trabalho este que gerou amplas desigualdades econômicas, sociais, raciais e agrárias. Atualmente este espaço concentra boa parte dos povos e comunidades tradicionais da Bahia e a maior concentração da população negra do estado submetida aos mecanismos então vigentes de manutenção e reprodução dessas desigualdades. As relações contemporâneas no espaço rural são reflexos da histórica desigualdade social e regional. Pouco investimento no nordeste, na Bahia, no Recôncavo.

Por falar em território, torna-se importante ressaltar que, embora o povoado seja tradicional, não se define etnicamente como quilombola, mas possui peculiaridades comuns a essas comunidades, incluindo a posse da terra e a territorialidade. Utilizo o conceito de território conforme definido por Milton Santos(1999), que o entende como "o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida" (SANTOS, 1999, p. 8).

A escravidão persiste no capitalismo. É o mesmo que dizer que enquanto houver latifúndio, vai haver trabalho escravo no Brasil. É oportuno lembrar e entender que o Brasil tem uma estrutura feudal, relações de trabalho escravistas e relações de produção capitalista se pensarmos o processo de acesso a terra, a organização de trabalho e as relações de produção. José de Souza Martins sustenta a ideia de que a contradição que permeia a emergência do trabalho livre se expressa na transformação das relações de produção como meio para preservar a economia colonial de exportação, isto é, para preservar o padrão de realização do capitalismo no Brasil, que se definia pela subordinação da produção ao comércio. Tratava-se de mudar para manter. (MARTINS, 2001, p.28).

É nesse contexto que penso a agricultura familiar: subordinação dos agricultores ao mercado, envelhecimento nos territórios alarmantes, os jovens não querem permanecer no campo, não se faz reformas estruturais e o Brasil vai ficando pra trás, não avança.

Essa discussão dá muito pano pra manga. Viver, aprender e apreender o saber fazer da cultura da farinha está imbricado no universo simbólico “tradicional” mantido e atualizado pela família. A modernidade é adquirida na sociabilidade urbana. O que resulta numa ambigüidade vivida pelos jovens rurais. O jovem rural que sai para estudar no centro (na cidade) já se traduz em abandono do campo a meu ver. A sociabilidade é urbana já que as escolas estão nas cidades e não nos campos. A escola não tem importância apenas como um meio facilitador do acesso ao mercado de trabalho se destaca como um importante lugar de sociabilidade “onde se faz amigos”, por exemplo. O discurso da modernidade, do desenvolvimento, é muito pautado nas condições objetivas que atraem os jovens rurais para a cidade, como o de acessar algo que historicamente foi negado a populações rurais, tradicionais.

Em síntese pode-se dizer que José de Souza Martins em suas abordagens fala das contradições que estão postas pelo capitalismo no contexto brasileiro. Hoje essas condições impostas pelo sistema capitalista se refletem nas formas de organização dos grupos, o que dificulta em certa medida as dinâmicas, comportamentos das pessoas, sobretudo, dos jovens rurais, sujeitos da análise da

pesquisa em questão, pois entendo que é o contexto, a estrutura que vai determinar a dinâmica desse jovem. Essas contradições partem da análise contextual que fiz no início deste artigo quando falo das desigualdades sociais e regionais que historicamente o Recôncavo fez e faz parte. Quando se fala em modernização nesse contexto aqui discutido parece pertinente falar de uma modernização conservadora que mantém as desigualdades, os jovens rurais estão esquecidos no campo. É preciso políticas amplas, universais e não políticas fragmentadas. A estrutura agrária é concentrada e organizada com base no latifúndio e com o neoliberalismo as coisas ficaram bem piores. A agricultura que se manifesta no Recôncavo expulsa o jovem do campo.

Conclusão

Ademais, o artigo buscou dialogar com outros estudos, principalmente apoiando-se na proposta de José de Souza Martins que se insere nessas abordagens de contradições impostas pelo capitalismo em que observamos e percebemos na realidade que nos cerca que mesmo com o crescimento econômico, outros tantos segmentos da sociedade podem ser deixados à margem; comportamentos discriminatórios, população não branca subalternizada, exploração da força de trabalho em contextos rurais, condições precárias. Pensar o processo migratório, a questão da urbanização que de certa forma desconecta ou tenta desconectar o jovem do seu lugar de pertencimento. O capitalismo promete vida melhor, oportunidades, crescimentos pessoal e profissional, acesso a várias coisas e não garante isso, tem-se um cenário incerto em que o jovem do campo não se dá conta dessa realidade complexa.

O autor nos convida a fazer essas reflexões ao tratar de diversos temas, com diversas abordagens sobre um mundo em rápida transformação. É importante, neste sentido, fazer uma reflexão histórica para entender as dinâmicas na contemporaneidade e as contradições/desigualdades que persistem, sejam elas econômicas, sociais, regionais. A reforma agrária até hoje não foi feita. Não há mudanças na estrutura, é conservadora. Assim como a categoria JUVENTUDE uma construção social em disputa aparece como uma expressão da modernidade, ao “RURAL” é atribuído uma carga semântico-teórica, estabelecida também desde o ponto de vista da modernização; impôs a este um significado de conservação e passado. São com estas construções impostas com muito preconceito, estigmas, o rural como arcaico, atrasado que se traduz em invisibilidade social, jovem nenhum quer se identificar com isso. Opera nas subjetividades, reconhecimento e no seu lugar de pertencimento: o meio rural. Diante do exposto, é evidente que a burguesia e o capitalismo negam a juventude, sobretudo a juventude rural.

É de suma importância conhecer as particularidades de uma categoria específica, dentro do universo juvenil rural que são os jovens agricultores familiares. Os jovens agricultores familiares são “membros de uma unidade doméstica, que é ao mesmo tempo, uma unidade de produção agrícola” (WEISHEIMER, 2004, p.12). Portanto, falo aqui do povoado do Alecrim de um contexto próprio do local, onde predomina a atividade de produção de farinha. O estigma social de que o rural é um lugar historicamente atrasado, já nos diz muito, para situarmos a produção de conhecimento sobre os jovens que vivem no meio rural brasileiro. As pesquisas sobre as juventudes rurais no país ganharam relevância recentemente (WEISHEIMER, 2005; CASTRO et al., 2009).

A situação de invisibilidade que por muito tempo foi relegada aos jovens rurais “[...] se configura numa das expressões mais cruéis de exclusão social, uma vez que dessa forma esses jovens não se tornam sujeitos de direitos sociais e alvos de políticas públicas, inviabilizando o rompimento da própria condição de exclusão” (WEISHEIMER, 2005, p. 8). É importante enfatizar que não quero negar a subalternidade dos jovens em outros contextos sociais/ territoriais, mas apenas situar a face perversa desta negação aos jovens rurais.

Novamente chamo a atenção para o entendimento dos acontecimentos históricos a fim de refletir as dinâmicas que estão imbricadas e que marcam a nossa sociedade atualmente levando em consideração as contribuições de José de Souza Martins que se utiliza do pensamento inovador na tentativa de compreender a realidade brasileira e, numa perspectiva micro, procuro entender o que está acontecendo nos povoados rurais e a atuação dos jovens no território do Recôncavo. A modernidade se fortaleceu com o desenvolvimento do capitalismo e é com esse entendimento que busco aqui compreender o que José de Souza Martins tenta nos mostrar em seu livro *O Cativo da Terra*, como se formou estruturalmente e historicamente a sociedade que somos hoje e como as condições de vida dos trabalhadores rurais permanecem precárias impulsionados pelas transformações sociais provocadas pela emergência do capitalismo como modo de produção dominante. Esta traz como efeitos o abandono do campo pela falta de investimento, falta de políticas públicas e, logo, o esvaziamento dos espaços rurais pelos jovens. E pelo que parece o meio rural passa a ser o não-lugar para esses jovens na atualidade.

Referências

DUSSEL, Enrique. **Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação**. Soc. estado, Brasília, v. 31, n. 1, p. 51-73, Apr. 2016 . Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/se/a/wcP4VWBVw6QNbvq8TngggQk/>> acessado em 11 Maio de 2021.

MARTINS, José de Souza. **O cativo da terra**. São Paulo: Editora Contexto, 2010 (288p.)

MUNANGA, Kabengele(org.) Algumas considerações sobre “raça”, ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. In Revista USP, São Paulo, n.68, p.46-57,dez/fev. 2005-2006.

___Nilson. **Situação juvenil na agricultura familiar**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Tese(Tese em Sociologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

___Nilson.Situação juvenil na agricultura familiar. In: LEÃO, Geraldo; ROCHA, Maria Isabel Antunes (organizadores). **Juventudes do campo**. -1.ed.–Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p.31-51.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SANTOS, Milton. **O dinheiro e o território**. GEOgraphia, Rio de Janeiro, ano1.n.1, p.7 - 13, 1999.

Autora

Milena Rocha Caetano de Jesus

*Mestranda no PPGCS- Programa de Pós -graduação em Ciências Sociais pela UFRB (2024.1).
Graduação em Ciências Sociais (Bacharel e Licenciada, 2020) Professora no Colégio Estadual de Cachoeira (2025);*

E-mail: millycaetano28@gmail.com;

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7247500435790937>